

Boletim de Conjuntura da Bahia 3º TRIMESTRE DE 2020

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Rui Costa

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

Walter Pinheiro

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA

BAHIA - SEI

Jorgete Oliveira Gomes da Costa

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (Distat)

Armando Affonso de Castro Neto

DIRETORIA DE PESQUISAS (Dipeg)

Jonatas Silva do Espírito Santo

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL (CAC)

Arthur Souza Cruz

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (Copes)

Guillermo Javier Pedreira Etkin

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS

(Coref)

João Paulo Caetano Santos

COORDENAÇÃO-GERAL

Arthur Souza Cruz

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Zélia Góis

ELABORAÇÃO TÉCNICA

Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário Internacional, Nacional

e Estadual)

Pedro Marques de Santana (Agropecuária)

Carla Janira Souza do Nascimento (Produção

Industrial)

Elissandra Alves de Brito (Comércio Varejista)

Rosangela Conceição (Serviços e Turismo)

Arthur Souza Cruz (Comércio Exterior)

João Gabriel Rosas Vieira, Poliana Peixinho e

Marília Jane Campos (Finanças Públicas)

João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e

Carol Vieira (Produto Interno Bruto)

Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de Trabalho)

COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO

NORMALIZAÇÃO

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

EDITORIA-GERAL

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO

Ludmila Nagamatsu

DESIGN GRÁFICO

Vinícius Luz Assunção

REVISÃO DE LINGUAGEM

Elvira Mejía

EDITORAÇÃO

Ludmila Nagamatsu



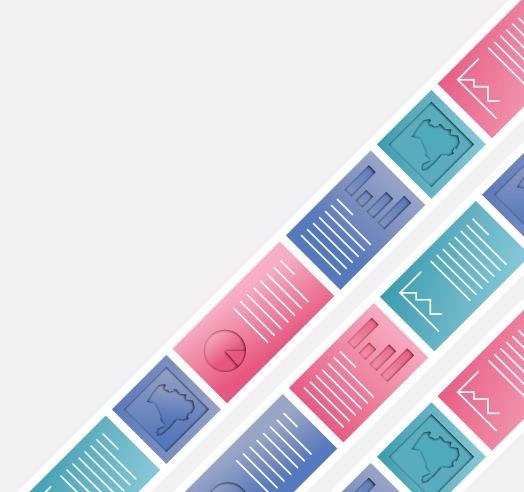




SUMÁRIO



Panorama Internacional e Nacional	5
Internacional	5
Nacional Estadual	8
Estadual	10
Agropecuária	13
Produção Industrial	19
Comércio Varejista	24
Serviços	28
Turismo	31
Comércio Exterior	34
Finanças Públicas	39
Produto Interno Bruto (PIB)	41
Mercado de Trabalho	45



Panorama Internacional, Nacional e Estadual

Luiz Mário Ribeiro Vieira lmario@sei.ba.gov.br

Internacional

Após quedas recordes nos principais indicadores econômicos no segundo trimestre, em razão das medidas de isolamento e fechamento de atividades do setor de serviços para conter o avanço do coronavírus, a economia mundial iniciou seu processo de flexibilização no terceiro trimestre com resultados positivos em vários países.

O Produto Interno Bruto (PIB) dos 36 países que integram a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) cresceu 9% no terceiro trimestre de 2020, na comparação trimestral, depois de ter contraído 9,8% entre abril e junho. De acordo com relatório publicado pela OCDE, a atividade econômica, contudo, ainda permanece 4,3% abaixo do nível anterior à pandemia de covid-19. Entre as sete maiores economias do mundo, a França registrou a maior alta do PIB entre julho e setembro, 18,2%, após uma retração de 13,7%. Em outras partes da Europa, o crescimento da economia no terceiro trimestre foi de 16,1% na Itália, de 15,5% no Reino Unido e de 8,2% na Alemanha, ressalta o documento. Na zona do euro e na União Europeia (UE), os avanços foram de 12,6% e 11,6%, respectivamente.

A maior economia do mundo, Estados Unidos (EUA), também voltou a crescer no terceiro trimestre com taxa anualizada de 33,1%, em relação aos três meses anteriores, segundo dados divulgados pelo escritório oficial de estatísticas (BEA) do Departamento do Trabalho do país. Pela métrica não anualizada, a alta foi de 7,4%, a maior alta da série histórica do indicador. A forte expansão dos EUA, no período de julho a setembro, vem, sobretudo, de uma base fraca, mas aponta para uma retomada após a queda de 31,4% no segundo trimestre, a maior desde a Grande Depressão, período em que a pandemia atingiu fortemente os gastos das famílias e das empresas.

A economia da China segue em sólido movimento de recuperação, enquanto o mundo tenta deixar para trás a turbulência causada pela pandemia do novo coronavírus. Segundo dados do Escritório Nacional de Estatísticas (NBS), a economia chinesa cresceu 4,9% no terceiro trimestre deste ano em relação ao mesmo período do ano passado, superando a alta de 3,2% registrada no segundo trimestre. Na comparação com o segundo trimestre de 2020, o PIB avançou 2,7% no terceiro trimestre. Já quando se compara o desempenho da economia de janeiro a setembro, houve alta de 0,7% no PIB no cotejo com os nove primeiros meses de 2019. No primeiro trimestre deste ano, quando a China já vivia o auge do surto do novo coronavírus no país, o PIB contraiu-se 6,8% ante um ano antes.

Os resultados promissores do terceiro trimestre não devem se repetir no último trimestre do ano, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, devido aos impactos da segunda onda de covid-19, afetando a circulação de pessoas e o consumo que estão caindo com a piora na situação de saúde pública.

A recuperação da produção industrial na zona do euro perdeu força em agosto. Essa desaceleração sugere que a rápida retomada pós-lockdowns já teria se esgotado, refletindo a reimposição de medidas cada vez mais restritivas aos negócios por vários países. Essa desaceleração é constatada pelos cinco principais institutos de pesquisa da Alemanha que alertaram que a maior economia da Europa está perdendo força em meio aos crescentes temores com o aumento das novas infecções. O PIB alemão deverá encolher no quarto trimestre e derruir 5,4% em 2020.

Nos EUA, os dados mais recentes da indústria e do comércio varejista, apontam para uma expansão mais moderada do PIB neste fim de ano, comparativamente ao observado no terceiro trimestre. Os principais riscos, nesse caso, continuam associados ao aumento de número de casos de covid-19 em quase todas as regiões do país.

Na China, por outro lado, os indicadores de outubro, sobretudo o de produção industrial, reforçam o forte crescimento em curso. Diante desse desempenho, o Fundo Monetário Internacional (FMI) está projetando uma expansão da economia da China em 1,9% em 2020, colocando-a no caminho de ser a única grande economia, atingida pela pandemia, a crescer em 2020.

O World Economic Outlook do FMI, do mês de outubro, ainda informa que a retração da economia global será menor do que se projetava em junho, com os resultados animadores do segundo trimestre, mas a retomada será "longa, desigual e incerta". Nesse cenário nebuloso, em que as economias enfrentam dificuldades para retomar os níveis pré-pandemia, a estimativa agora é de queda de 4,4% do PIB global neste ano, e não mais de 5,2%.

Para 2021, o FMI projeta um crescimento de 5,2% da economia mundial, ligeiramente abaixo dos 5,4% esperados antes. Com o crescimento projetado, o PIB mundial em 2021 estará 0,6 ponto percentual acima do nível de 2019. O FMI defende que os governos aumentem a progressividade de suas cargas tributárias como uma forma de lidar com o crescimento do endividamento público, resultado das medidas de resposta à pandemia do coronavírus. O fundo também alerta para o crescimento da pobreza extrema e da desigualdade no póspandemia.

Para a OCDE, em relatório divulgado na primeira semana de dezembro, pela primeira vez, desde o começo da pandemia de covid-19, as perspectivas são melhores para a economia global graças a vacinas à vista e a manutenção de fortes medidas de apoio pelos governos, ao mesmo tempo em que persistem incertezas e riscos.

Para 2021, o relatório prevê um cenário global ainda relativamente complexo, com uma alta probabilidade de novos surtos locais do vírus que vão requerer novas medidas de distanciamento físico localizadas em alguns casos. A vacina só virá ao longo do próximo ano para a maioria das pessoas e a gestão da pandemia ainda vai impor limites à economia. A atividade econômica continuará com menos interações físicas. Alguns setores vão recuperar força, outros ficarão quase paralisados. Por exemplo, o setor de turismo, intensivo em força de trabalho, inclusive de baixa qualificação, vai demorar muito mais para se recuperar.

Nesse contexto, as perspectivas globais rebaixam as projeções, comparado às estimativas anteriores, em meio à constatação de que novos surtos e restrições estão impedindo a recuperação. Após uma forte contração neste ano (4,2%), o PIB global é projetado para aumentar cerca de 4,2% em 2021 comparado a 5% estimado em setembro. O crescimento dos EUA para o próximo ano, antes estimado em 4%, caiu agora para 3,2%. Na zona do euro, a taxa de 5,1%, esperada em setembro, diminuiu agora para 3,6%.

A OCDE também projeta que o desemprego global deve seguir crescendo em 2021, para 7,4%. Este ano, está estimado em 7,2%. Já em 2022 deve mostrar queda, para 6,9% - mas ainda acima da taxa de 5,4% registrada em 2019. Já o comércio global, segundo levantamento da Organização Mundial do Comércio (OMC), deve ter uma forte redução de 10,3%, e recuperar apenas parte das perdas nos próximos anos, com altas de 3,9% e 4,4% em 2021 e 2022, respectivamente.

Em relação à extrema pobreza, o Banco Mundial adverte que ela deve aumentar no mundo em 2020 pela primeira vez em 20 anos, sob impacto da pandemia do coronavírus. Segundo a instituição multilateral, a ruptura provocada pela covid-19 nas economias de todo o mundo pode levar entre 88 milhões e 115 milhões de pessoas para a miséria este ano, podendo chegar a 150 milhões em 2021, dependendo da gravidade da retração econômica.

O FMI também alerta para o crescimento da pobreza extrema e da desigualdade no póspandemia, advertindo que os "governos com elevado endividamento precisarão considerar opções para aumentar receitas e diminuir gradualmente as despesas no médio prazo", diz o fundo. O PIB global poderá retornar a níveis pré-crise antes do fim de 2021, liderado por forte recuperação na China. Mas isso esconde grandes variações entre os países, com a produção em muitas economias, devendo permanecer cerca de 5% abaixo dos níveis pré-crise em 2021.

Campanhas de vacinação, esforços combinados de saúde e apoio financeiro dos governos devem ser os responsáveis pela recuperação no próximo ano - que poderia ser maior caso as vacinas sejam distribuídas rapidamente, aumentando a confiança e reduzindo as incertezas. A OCDE alerta, no entanto, que atrasos na vacinação e dificuldades para controlar novas ondas do vírus podem enfraquecer as estimativas.

Mas há sinais de esperança. A OCDE estima que, no caso de contenção de novos surtos do vírus e a probabilidade de ampla vacinação até o fim de 2021 ajudará a reforçar a confiança dos agentes econômicos e uma recuperação mais forte da economia global deverá ocorrer em 2021, principalmente nas atividades do setor de serviços mais afetadas pela pandemia como turismo e transportes.

Nacional

Após um segundo trimestre de restrições impostas pelas autoridades sanitárias como distanciamento social, fechamento de estabelecimentos, de terminais rodoviários e aeroportos para evitar a disseminação do novo coronavírus, o resultado foi de retração recorde da atividade econômica. O PIB caiu 9,6% no segundo trimestre de 2020, na comparação com o trimestre anterior, a segunda queda trimestral seguida e o menor resultado para a economia desde o início da série histórica, em 1996, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Com queda no PIB no primeiro e segundo trimestres, o Brasil estava em recessão técnica, mas a partir de julho, os indicadores sinalizavam o início do processo de recuperação da atividade econômica, com destaque para a indústria de transformação e comércio varejista, beneficiado pelos estímulos econômicos — crédito, auxílio emergencial, programas de proteção ao emprego e retomada da geração de empregos formais. O setor de serviços, o último a entrar no processo de flexibilização, registrou lenta recuperação ao longo do terceiro trimestre, embora com taxas positivas em relação ao trimestre anterior. Os resultados dos indicadores ajudaram a melhorar a confiança do empresariado que se refletiu no aumento da taxa de investimento, mas aquém das necessidades do país.

Com indicadores coincidentes do terceiro trimestre já divulgados, os dados do mercado de trabalho e os indicadores de crédito apontavam para uma expressiva taxa de crescimento do

PIB do terceiro trimestre. Foi o que realmente aconteceu. O PIB cresceu 7,7% na comparação com o trimestre anterior, auge do distanciamento social adotado para controle da pandemia de covid-19.

Pela ótica da produção, no terceiro trimestre em relação ao segundo, a recuperação da economia resultou em avanços de 14,8% na Indústria, com destaque para a indústria de transformação com crescimento histórico de 23,4%, após queda forte no segundo trimestre de 19,1%. O setor de Serviços ainda não se recuperou da retração no primeiro e segundo trimestre, crescendo 6,3%, puxado pelo comércio que teve expansão significativa de 15,9%, enquanto a Agropecuária teve uma leve retração de 0,5%. Somados, Indústria e Serviços representam 95% do PIB.

Pelo lado da demanda, a maior alta foi no consumo das famílias, que representa 65% do PIB, com taxa de (7,6%). Após duas quedas sucessivas, o consumo das famílias voltou a crescer, devido ao auxílio emergencial que sustentou e aumentou a demanda de bens essenciais, além do programa de manutenção de emprego, em que o governo complementou parte do salário dos empregados que tiveram jornada de trabalho reduzida, além da liberação do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

O consumo do governo aumentou 3,6% pela implementação de uma política fiscal expansionista diante da situação de calamidade pública em que se encontra o país, muito por conta da elevação dos gastos com saúde para atender a crescente demanda de infectados pelo coronavírus. Os investimentos (Formação Bruta de Capital Fixo) também cresceram 11,0%, recuperando em parte a queda de 16,5 no segundo trimestre. A corrente de comércio apresentou resultado negativo, tanto as exportações quanto as importações registram quedas. As exportações registraram decréscimo de 2,1% contra 9.6% das importações, quarto trimestre consecutivo de queda, mostrando que a recuperação econômica ainda não é sustentável, como demonstram os resultados comparados ao terceiro trimestre de 2019.

Em relação ao 3º trimestre de 2019, o PIB caiu 3,9%. Pela ótica da produção, mais uma vez, apenas a Agropecuária registrou resultado positivo (0,4%). Indústria e Serviços recuaram 0,9% e 4,8%, nessa ordem. Pelo lado da demanda, todos os componentes registraram taxas negativas, com destaque para o consumo das famílias, pelo seu peso na demanda (65%), com queda de 6,0%; despesa do governo (-5,3%); formação bruta de capital (-7,8%) e exportações (25,0%).

Após revisão do PIB do primeiro e segundo trimestres em relação a 2019, a queda no acumulado do ano é de 5,0%, e nos últimos quatro trimestres contra os quatro trimestres imediatamente anteriores é de 3,4%

Portanto, apesar do número mais fraco do que o esperado pelo mercado, diante das revisões para cima dos números do primeiro semestre, a expectativa é de queda de 4,5% do PIB neste ano. Para o quarto trimestre, espera-se continuidade da retomada da atividade em ritmo moderado. A expansão da produção industrial em outubro e das vendas de veículos em novembro, associados às perspectivas de vacinação já no primeiro trimestre de 2021, reforçam esse cenário de uma recessão menor do que a projetada no início da pandemia.

Para 2021, vários fatores podem ajudar a uma retomada gradual, mesmo com dúvidas sobre qual será o impacto do término do auxílio emergencial e do programa que permitiu redução de jornada e salários e que garantiu a manutenção do emprego de quase 10 milhões de trabalhadores. Um desses fatores é a reabertura econômica para ampliar a oferta de empregos, reduzindo a taxa de desocupação, combinado com um ciclo de recomposição de estoques das empresas e utilização de parte da poupança forçada, formada durante a pandemia, amparado pelo crédito e pelo baixo endividamento das empresas. O setor de serviços deve ser o mais beneficiado, pois foi o último a se recuperar, principalmente nas atividades voltadas às famílias, segmento mais atingido pelas medidas de distanciamento social.

Estapual

Os resultados trimestrais das pesquisas do IBGE para as principais atividades econômicas da Bahia, sistematizadas e analisadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), mostram um processo de recuperação significativo no terceiro trimestre, em relação ao segundo trimestre do ano.

A produção agrícola, com base no 10° Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de outubro, divulgados pelo IBGE, mostram que a safra baiana de grãos deve ser recorde, alcançando 9,9 milhões de toneladas em 2020, com crescimento de 19,7% acima da safra de 2019. Esse resultado, praticamente, consolida o desempenho da safra de grãos da Bahia em 2020, o melhor resultado da série histórica da pesquisa, com crescimento considerável da produtividade média dos grãos estimada em 3,1 toneladas por hectare, cerca de 20,0% superior à do ano passado.

A indústria geral (extrativa mais transformação), um dos setores mais afetados no início da pandemia, registrou, em setembro, sua quinta alta consecutiva, 4,0% ante o mês de agosto, na série com ajuste sazonal, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. A indústria geral da Bahia (extrativa mais transformação), diante de um cenário adverso, registrou uma recuperação expressiva no terceiro trimestre, de 18% em relação ao segundo, embora insuficiente para recuperar as perdas ocorridas no pico da pandemia, que foi no segundo

trimestre, quando teve uma retração recorde de 23% em relação ao primeiro. Já em relação ao terceiro trimestre de 2019, apresentou queda de 4,6%.

O comércio varejista baiano foi bastante impactado pelas medidas adotadas pelas autoridades sanitárias para conter a propagação do vírus, como fechamento de estabelecimentos não-essenciais, distanciamento social e restrição de circulação de pessoas. A partir de julho, o processo de flexibilização foi iniciado, com efeitos muito positivos sobre o comércio varejista, que registrou em julho, crescimento de 9,7%, frente a junho, na série com ajuste sazonal. Os meses de agosto e setembro cresceram 8,5% e 0,8%, respectivamente, na mesma base de comparação. O comércio varejista apresentou, no terceiro trimestre, um crescimento recorde em relação ao segundo, com variação de 27,9%, após queda relevante de 15,6% no segundo trimestre no mesmo período confrontado. Um dos fatores para este crescimento foi o auxílio emergencial de R\$ 600, no período, que aumentou a demanda de bens essenciais no comércio varejista baiano. Em relação ao terceiro trimestre de 2019, o comércio varejista registrou dois meses consecutivos de alta, 6,6% e 7,1% em agosto e setembro, respectivamente, fechando o trimestre em 3,8%.

O setor de serviços, o mais afetado pela pandemia, respondeu de maneira satisfatória às medidas de flexibilização iniciadas em julho, crescendo dois meses seguidos, agosto e setembro em relação ao mês anterior. No terceiro trimestre cresceu 4,4% em relação ao segundo, após uma queda recorde de 23,1% no segundo trimestre, que concentrou os impactos das medidas de isolamento social para enfrentamento da pandemia, comparado com o primeiro trimestre.

Em relação ao ano de 2019, os efeitos da pandemia sobre o setor de serviços ainda são evidentes. Na comparação com 2019, o volume de serviços, na Bahia, caiu 22,2%. Essa forte retração ainda é reflexo de que as atividades do setor de serviços foram as últimas a entrarem no processo de flexibilização, e com a abertura gradual ainda cumprem regras rigorosas para o controle do vírus exigidas pelos órgãos de fiscalização sanitária.

Diante dessa realidade, todas as atividades registram quedas no ano, com destaque para a atividade de Serviços prestados às famílias (-45,9%) que abrange restaurantes, e hotéis e lazer. O setor de serviços está em processo de recuperação, mas o desempenho mostra-se mais lento do que o da indústria e do comércio, em razão de ser o último a voltar a funcionar e com capacidade reduzida.

Os resultados positivos apresentados por três atividades fundamentais para o crescimento da economia refletiram na geração de empregos formais na Bahia no terceiro trimestre com a geração de 30.063 empregos, após uma redução forte do segundo trimestre de 57.655

postos de emprego formal, contribuindo para reduzir o saldo negativo do ano, que ficou em 32.515 postos.

Diante dessa conjuntura adversa, o Produto Interno Bruto da Bahia no terceiro trimestre em relação ao segundo mostrou uma recuperação, já apontada pelos indicadores coincidentes, de 4,7%. Em relação ao terceiro de 2019, o PIB da Bahia registrou queda de 4,1%. O setor de Serviços puxou essa queda, já que representa 68% do PIB da Bahia, com retração de 7,0%. A Agropecuária (9,0%) e a Indústria (2,9%) amenizaram a queda da atividade econômica no terceiro trimestre.

O resultado do terceiro trimestre, portanto, mostra uma recuperação da atividade econômica mesmo sobre uma base deprimida, como a que foi registrada no segundo trimestre. As perspectivas para o quarto trimestre são de um crescimento modesto em relação ao terceiro, e ainda negativo ao mesmo período de 2019. Diante desse cenário, foi revisado positivamente a projeção do PIB de 2020 para uma contração menor de 3,7% ante previsão inicial de -5,5% no segundo trimestre.

AGROPECUÁRIA

Pedro Marques de Santana pedromarques@sei.ba.gov.br

Conforme observado em análises trimestrais anteriores, os impactos da pandemia sobre o setor agropecuário tiveram reflexos variados segundo as características e especificidades das atividades e seus respectivos produtos. Dentre os segmentos inicialmente mais afetados, em razão das medidas sanitárias adotadas visando ao enfretamento da crise sanitária, destacamse a pecuária leiteira e de corte, a horticultura e a floricultura.

O consumo de carne, queijo e outros derivados de leite recuaram no início da pandemia em função da queda do poder aquisitivo das famílias, bem como das restrições de consumo devido ao fechamento de hotéis, bares, restaurantes e lanchonetes, os chamados *food services*. O setor sucroalcooleiro também sofreu inicialmente forte revés não somente pela queda do consumo de etanol - dada as restrições de locomoção -, como pela perda de competitividade em relação à gasolina, já que àquela altura os preços do barril de petróleo estavam em níveis muito baixos.

O bom desempenho agregado do setor agropecuário, portanto, conforme será analisado mais adiante, deve ser ponderado pelas dificuldades encontradas por certos segmentos das cadeias produtivas do setor diante dos choques de oferta e demanda provocados pela pandemia. Os melhores resultados foram efetivamente apresentados pelos segmentos de *commodities*, que se beneficiaram das condições climáticas e de mercado amplamente favoráveis ao escoamento da produção, sobretudo pelas fortes aquisições chinesas de grãos e proteínas animais a partir do mês de abril.

A soja, o algodão, o milho, o arroz e as carnes – bovina, suína e de frango – tiveram fluxo regular para os mercados externos, observando-se alta expressiva em termos do volume escoado na comparação com 2019. De todo modo, as dificuldades iniciais não impediram que o setor agropecuário mantivesse, no geral, sem grandes prejuízos, a capacidade de abastecimento e escoamento de seus produtos no âmbito dos mercados interno e externo.

A partir do 3º trimestre, entretanto, observou-se a escassez relativa de alguns alimentos no mercado interno. Tal escassez pode ser explicada pela alta demanda por esses produtos durante a pandemia – o consumo defensivo das famílias associado às transferências emergenciais de renda no período - e à ausência de estoques reguladores em volume suficiente durante a entressafra. Isso resultou no aumento de preços de itens básicos de consumo como feijão, arroz, milho, soja e carnes. No acumulado do ano até outubro, o grupo

Alimentação e Bebidas havia tido a maior variação (9,4%) entre os itens que compõem o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA)¹.

Contexto Nacional

A produção nacional de grãos atingiu, em 2020, nível histórico segundo os órgãos oficiais de estatísticas agropecuárias. Para a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção alcançou 257,0 milhões de toneladas no ciclo 2019/2020². Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume produzido está estimado em 252,0 milhões de toneladas, superando em 4,4% a safra anterior.

A expansão, em 2020, foi puxada pela soja, com produção de 121,5 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 7,1% frente a 2019. O arroz atingiu produção de 11,1 milhões de toneladas, um aumento de 7,8% com relação ao ano anterior. O algodão, com estimativa de 7,1 milhões de toneladas, cresceu 2,5% em relação à safra passada, enquanto o milho obteve ligeiro acréscimo de 0,3%, com estimativa de 100,9 milhões de toneladas (26,6 milhões de toneladas de milho na 1ª safra e 74,2 milhões de toneladas de milho na 2ª safra).

Este ano, o segmento pecuário tem se destacado pelos preços elevados para o boi gordo, ovos e suínos que, nos primeiros meses de 2020, ainda refletiam o efeito inercial da forte elevação ao longo de 2019, relacionada à peste suína africana. Esse processo foi reforçado, ao longo dos meses, pela a baixa oferta de bovinos para abate e o elevado ritmo de exportações de carnes, contribuindo para manter os preços em patamar elevado³.

Os dados preliminares de estatísticas da produção pecuária do IBGE⁴, coletados pelos sistemas de inspeção federal, estadual e municipal, para o Brasil, apontaram recuo de 10,8% no abate de bovinos (7,58 milhões de cabeças) no 3° trimestre de 2020 em comparação com o mesmo período de 2019 e aumento de 3,8% em relação ao 2° trimestre de 2020. O abate de suínos (12,57 milhões de cabeças) teve alta de 7,0% na comparação anual e de 3,8% em relação ao trimestre anterior. No caso do frango (1,50 bilhão de cabeças), os abates cresceram em ambas as comparações, respectivamente, 1,8% e 6,2%. Por sua vez,

em:https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Cepea_CNA_Pib_jul_2020(1).pdf. Acesso em: 24 nov. 2020

¹ NDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO. Rio de Janeiro: IBGE, nov. 2020. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/home/ipca/brasil>. Acesso em: 15 nov. 2020.

² ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS: safra 2019/20. Brasília: CONAB, v. 7, n. 12, set. 2020. Décimo segundo levantamento. Disponível em: https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos. Acesso em: 15 out. 2020. 3 PIB DO AGRONEGÓCIO: PIB do agronegócio avança 1,26% em julho. São Paulo: Cepea/CNA, out. 2020.Disponível

⁴ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Abate de bovinos cai 10,8%, e o de suínos cresce 7% no terceiro trimestre. Rio de janeiro, 12 nov. 2020. Disponível em:https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/10429-abate-de-bovinos-cai-10-8-e-o-de-suinos-cresce-7-no-terceiro-trimestre. Acesso em: 20 nov. 2020

a aquisição de leite (6,36 bilhões de litros) no 3° trimestre representou aumento de 10,5% em relação ao volume observado no 3° trimestre de 2019, e de 9,7% na comparação com o trimestre imediatamente anterior.

Ваніа

Agricultura

A safra de grãos, na Bahia, em 2020, teve o melhor desempenho de sua série histórica, segundo as estimativas oficiais, como resultado da confiança dos produtores e das condições climáticas favoráveis. Na avaliação da Conab, foram colhidos pouco mais de 10 milhões de toneladas no ciclo 2019/2020, o que representou crescimento de 20,6% em relação ao ciclo 2018/2019 - numa área de 3,1 milhões de hectares plantados.

Pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do IBGE, a produção anual grãos está estimada em 9,9 milhões de toneladas, correspondendo a uma expansão de 19,7% na comparação com 2019. Em relação à área plantada, o IBGE projeta uma ligeira retração de 0,8% na comparação anual, registrando também um total de 3,1 milhões de hectares.

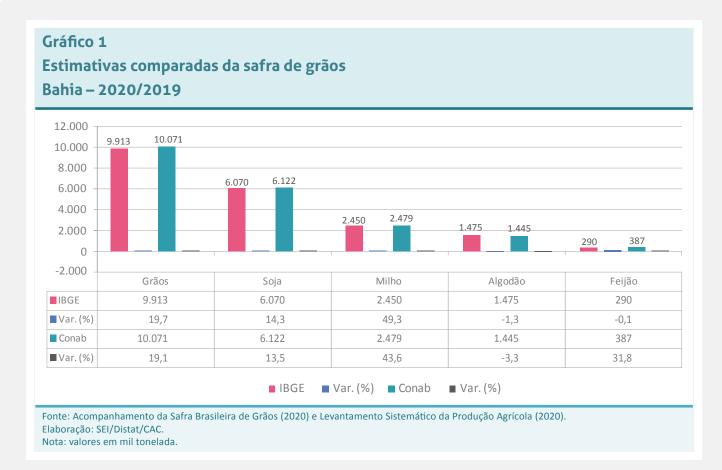
Apesar do atraso no plantio da soja na região oeste do estado, devido à estiagem ocorrida nos meses de novembro e dezembro de 2019, a normalização do ciclo de chuvas favoreceu ao desenvolvimento e à produtividade da lavoura, cuja colheita foi finalizada em maio deste ano. Foram colhidas pouco mais de 6,0 milhões de toneladas, resultado apenas inferior ao da safra 2017/2018, de acordo com a Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba)⁷.

O IBGE e a Conab também convergem para o expressivo resultado da soja baiana no período. A área colhida ficou em torno de 1,6 milhão de hectares no ciclo atual. Entre o período de 1° de julho a 07 de outubro, houve, por recomendação da Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab), o vazio sanitário nas áreas produtoras, com o objetivo de controle de pragas e preparo do solo para o próximo ciclo de cultivo.

⁵ Cereais, oleaginosas e leguminosas: algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

⁶ ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BAIANA. Salvador: SEI, nov. 2020. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/images/indicadores_especiais/pdf/safras/safras_nov_2020.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

⁷ ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA. Oeste da Bahia registra uma das melhores safras de grãos da história. Barreiras, 29 maio 2020. Disponível em: https://aiba.org.br/noticias/oeste-da-bahia-registra-uma-das-melhores-safras-de-graos-da-historia/#.X1eKiueSnIU. Acesso em: 20 jun. 2020.



De acordo com a Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa)⁸, a colheita de algodão 2019/2020 obteve 1,5 milhão de toneladas (caroço e fibra), mesmo patamar do ciclo 2018/19, quando foi alcançado o maior nível histórico de produção da *commodity* no estado. Ligeiramente inferiores, embora convergentes estão as estimativas feitas pela Conab e pelo IBGE. Ambas estimam uma safra entre 1,44 e 1,47 milhão de toneladas, representando ligeira queda em relação à colheita do ano anterior.

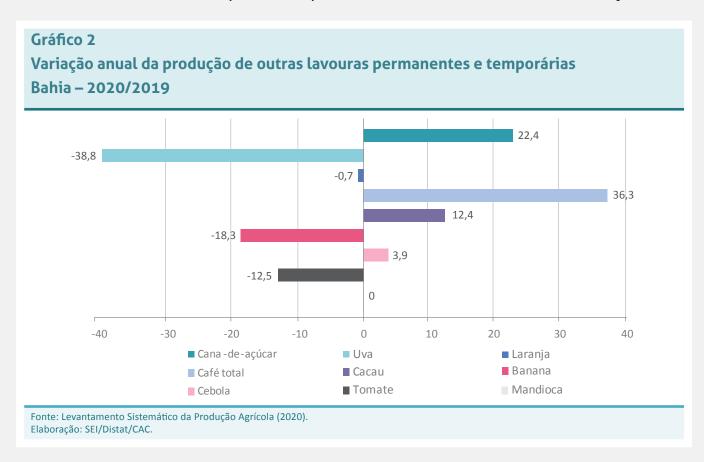
O algodão baiano é reconhecido pela sua qualidade e alta produtividade. Ao longo do ano, a cotação da fibra sofreu oscilações no mercado internacional devido às incertezas associadas à queda de consumo de produtos têxteis em razão da pandemia. Com a recuperação dos preços nos últimos meses, as previsões pessimistas com relação à safra 2020/2021 começam a ser revistas, porém o cenário ainda é muito incerto diante dos desdobramentos da pandemia.

Para o estado como um todo, a safra estimada de milho ficou em torno de 2,4 milhões de toneladas, de acordo com as estatísticas oficiais. Somente na região oeste do estado, o volume local produzido, de acordo com a Aiba, foi de 1,5 milhão de toneladas, com produtividade média em torno de 165 sacas por hectare.

⁸ ASSOCIAÇÃO BAIANA DOS PRODUTORES DE ALGODÃO. Bahia inicia colheita de algodão da safra 2019/2020. Luís Eduardo Magalhães, 16 jun. 2020. Disponível em: https://abapa.com.br/mais-noticias/bahia-inicia-colheita-de-algodao-da-safra-2019-2020/. Acesso em: 20 ago. 2020.

A produção do feijão, segundo o IBGE, alcançou 290 mil toneladas, mesmo patamar de 2019, com área plantada total de 456 mil hectares, sendo a principal contribuição obtida pela safra de inverno, com volume projetado de 154,2 mil toneladas, alta de 31,1% na comparação anual.

A produção total de café deve alcançar 246 mil toneladas ante 181 mil do levantamento anterior, sendo a safra do tipo arábica projetada em 120,5 mil toneladas - variação anual



de 66,4% -, e a da canéfora, em 125,5 mil toneladas, correspondendo a uma expansão de 16,1% na comparação com 2019. Por sua vez, a produção de cebola deve encerrar o ciclo com alta de 3,9% em relação à colheita anterior, totalizando 302,4 mil toneladas.

As projeções indicam uma produção de 963 mil toneladas de mandioca, mantendo-se estável em relação à safra passada. Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE projeta uma produção de 5,1 milhões de toneladas, alta de 22,4% em relação à safra anterior. A produção de cacau revisada para 118 mil toneladas, representa alta de 12,4% na comparação com 2019.

Os resultados não se apresentam tão animadores para outras culturas permanentes e temporárias, sobretudo em segmentos da fruticultura, conforme pode ser observado no gráfico acima. As estimativas para as lavouras de banana (-18,3%), laranja (-0,7%) e uva

(-38,8%), por exemplo, apresentaram recuo em relação à safra anterior. Também o tomate deve sofrer uma retração de 12,5% sobre a colheita de 2019, com produção estimada em 241,2 mil toneladas em 2020.

Pecuária

De acordo com as estatísticas da produção pecuária do IBGE, coletados pelos sistemas de inspeção federal, estadual e municipal, para a Bahiaº, foram abatidas 241,76 mil cabeças de bovinos no 2º trimestre de 2020, que corresponde a uma queda de 17,6% na comparação com mesmo trimestre de 2019, e de 2,7% em relação a trimestre imediatamente anterior. O abate de suínos (30,6 mil cabeças) no 2º trimestre também teve recuo na comparação anual (-11,7%), mas cresceu na comparação com o 1º trimestre do ano (4,9%). Os frangos abatidos no período somaram 30,63 milhões de cabeças, 8,3% a mais do que no 2º trimestre de 2019. Na comparação com o 1º trimestre, houve recuo de 3,8%. A aquisição de leite, por sua vez, alcançou 132,52 mil litros no 2º trimestre, alta de 12,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Na comparação com o 1º trimestre, houve recuo de 2,5%.

A análise da evolução da pecuária baiana, no 3° trimestre do ano, ainda ressente da divulgação dos indicadores regionais relativos ao abate de animais e à produção de leite até o momento do fechamento desse boletim.

Mercado de trabalho

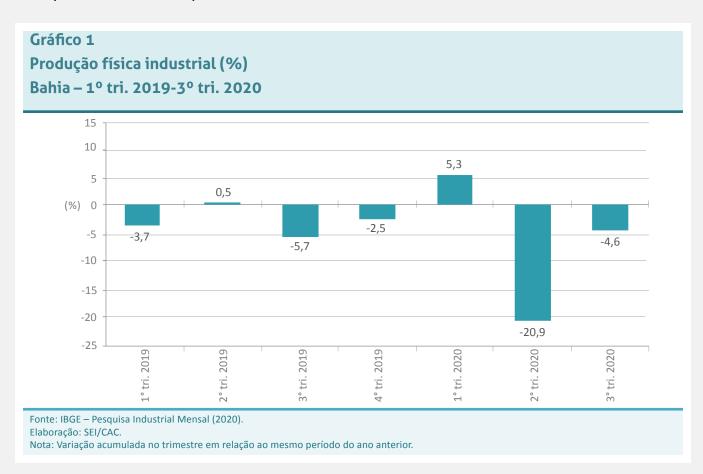
Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério da Economia apontam que o setor agropecuário acumulou saldo de 6.008 postos de trabalho até setembro deste ano. Os segmentos que mais contribuíram para a geração de novos postos com carteira assinada do setor no estado estão relacionados ao cultivo de manga (2.409), uva (1.131) e cana-de-açúcar (441) no período. Dentre os municípios, destaque para geração de novos postos em Casa Nova (2.126), Juazeiro (1.848) e Ibirapuã (445), entre janeiro e setembro.

⁹ ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO PECUÁRIA. Rio de Janeiro: IBGE, 2. tri. 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2380/epp_2020_2tri.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento carlajanira@sei.ba.gov.br

A indústria baiana, com base nos dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2020), registrou, no terceiro trimestre de 2020, queda de 4,6%, taxa inferior à observada no segundo trimestre (-20,9%), ambas taxas comparadas ao mesmo período do ano anterior, conforme dados ilustrados no Gráfico 1.

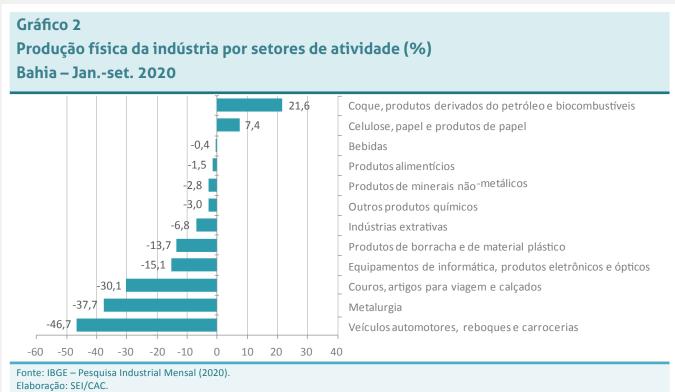


A redução na intensidade de perda, observada no total da produção industrial na passagem do segundo para o terceiro trimestre de 2020, foi explicada, principalmente, pelo ganho de ritmo dos setores de Borracha e de material plástico, de -43,3% para 3,9%, Bebidas, de -18,0% para 18,9%, Produtos químicos, de -13,9% para 6,8%, Produtos alimentícios, de -3,7% para 7,9%, e Minerais não metálicos, de -1,6% para 7,4%.

A partir do mês de maio, a flexibilização das medidas de distanciamento social permitiu o retorno às atividades de linhas de produção que foram paralisadas pela pandemia de covid-19. Os indicadores de produção física, com ajuste sazonal, para os meses de julho, agosto e setembro, registraram avanços de 11,2%, 1,6% e 4,0%, respectivamente, na comparação

com os meses exatamente anteriores; e mesmo na comparação do mês de setembro com o mesmo mês do ano anterior, quando a indústria geral recuou 1,9%, observa-se crescimento em sete ramos da indústria, o que ratifica retomada gradual da atividade na Bahia.

No período de janeiro a setembro de 2020, o indicador da produção física da indústria (extrativa e de transformação) baiana ainda reflete os efeitos da pandemia de covid-19, como observado na produção industrial do país, que registrou queda de 7,2% nos primeiros nove meses do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior. Já a produção da indústria baiana registrou queda de 7,0% no período. E mais da metade dos segmentos da indústria baiana registram recuo na produção, conforme dados ilustrados no Gráfico 2.



Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado negativo da indústria baiana tem-se, inicialmente, o setor Veículos que perdeu o dinamismo tanto na produção como nas vendas. No período, enquanto a produção caiu 46,7%, as vendas de automóveis e comerciais leves recuaram 32,0%, segundo dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave, 2020). Além da queda da demanda no mercado interno, provocada pela pandemia, a indústria automobilística reflete a queda das vendas externas, principalmente para a Argentina. No período de janeiro a setembro de 2020, as exportações de automóveis recuaram 65,6%, comparadas ao mesmo período do ano anterior.

O setor Metalúrgico foi impactado principalmente, na produção de cobre, pois, a planta de Dias D'ávila, responsável pela produção de cobre primário (produtos marca Caraíba), operou com a capacidade reduzida por conta da redução no fornecimento de matéria prima oriunda de fornecedores afetados pela covid-19, impactando a produção (PARAPANEMA, 2020). Ao mesmo tempo, o setor já sente os efeitos do futuro encerramento das atividades de unidade fabril de ferroligas de manganês previsto para o fim do ano (VALE, 2020).

O setor de Couro e calçados foi um dos setores mais afetados da indústria baiana durante a pandemia, com encerramento de atividades por algumas empresas de calçados e demissão de vários funcionários. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged/BRASIL, 2020), no primeiro semestre do ano, quando se iniciou a crise sanitária, a indústria baiana de calçados perdeu 4,9 mil postos de trabalho. Porém, a abertura do varejo físico a partir do segundo semestre foi fundamental para a recuperação gradual do setor, observando-se a criação de 2.181 postos no terceiro trimestre do ano. Com relação às vendas, houve redução tanto no mercado doméstico quanto no externo, pois mesmo com a desvalorização do real frente ao dólar, o setor não conseguiu manter o nível dos negócios.

Por sua vez, o segmento de Borracha e material plástico, com taxa negativa de 13,7%, teve o desempenho impactado principalmente pela queda na produção de pneus novos para automóveis, caminhões e ônibus, mas houve também redução na produção de materiais plásticos utilizados em embalagens plásticas. No terceiro trimestre esse setor cresceu 3,9%, revertendo a queda de 43,3% observada no segundo trimestre, comparados ao mesmo período do ano anterior.

Osetor de Produtos químicos apresentou queda de 3,0% no período, atribuída, principalmente, à redução de acrilonitrila (utilizado na produção de plástico ABS - acrilonitrila butadieno estireno) e amoníaco, este último é produto da fábrica de fertilizantes que foi hibernada em 2019 e arrendada por dez anos pela Proquigel Química do Grupo Unigel, com previsão de retomada da produção em 2021.

A produção de Minerais não metálicos, que recuou 2,8%, foi impactada pela queda do setor da Construção, o que reduziu, principalmente, a produção de ladrilhos, placas e azulejos de cerâmica p/ pavimentação ou revestimento esmaltados, massa de concreto e pré-fabricados em cimento e/ou concreto. No terceiro trimestre esse segmento cresce 7,4%, em relação ao mesmo período do ano anterior, motivado, principalmente, pelo crescimento das vendas de material de construção que no período teve aumento de 31,9%, segundo a Pesquisa Mensal do Comércio.

A indústria de Bebidas, que até fevereiro apresentava aceleração na produção para atender à demanda em expansão dos consumidores, reduziu fortemente sua produção com a pandemia da covid-19, alcançando queda de 0,4% nos primeiros nove meses do ano. O primeiro impacto foi com o fechamento de estabelecimentos comerciais, como restaurantes e bares, e, em seguida, a proibição de realização de eventos e o cancelamento de festas populares, como micaretas e São João. Porém, no terceiro trimestre já se observa crescimento de 18,9%, na comparação com o mesmo período anterior.

A principal contribuição positiva para o acumulado no ano até setembro veio da indústria de Derivados de petróleo, impulsionada pelo aumento na produção de óleos combustíveis, naftas e óleos diesel para petroquímica. Alguns aspectos podem ser destacados: a estratégia de mercado da empresa que priorizou a produção em determinadas refinarias que produzem o bunker, óleo combustível para navios que possui baixo teor (0,5%) de enxofre, e o aumento na produção de nafta que estava em níveis baixíssimos.

A produção de Celulose e papel foi maior em decorrência do aumento na demanda por celulose, em função, principalmente, do aquecimento do segmento de papéis sanitários, muito utilizado durante o período da pandemia, o que permitiu que a indústria no estado reduzisse os níveis de estoques. Por sua vez, a demanda no segmento de papéis de imprimir e escrever foi reduzida no segundo trimestre, levando a indústria a reduzir sua produção. As paradas para manutenção programadas, que deveriam ter ocorrido no primeiro semestre, aconteceram no terceiro trimestre do ano, provocando redução da produção do setor no período. Por isso, verifica-se uma produção menor no terceiro trimestre que registrou taxa de apenas 1,2%, enquanto no segundo trimestre a taxa de crescimento havia sido de 4,2%, todas as comparações em relação ao mesmo período do ano anterior.

O setor de Produtos alimentícios apresentou queda de 1,5% no período. Entre os fatores que contribuíram para este resultado no período, destacam-se a expansão das exportações e o desempenho do varejo alimentar no mercado interno. O aumento do consumo das famílias dentro dos domicílios foi um dos efeitos das medidas de distanciamento da pandemia de covid-19 que contribuíram para um melhor desempenho do varejo. Na Bahia, houve aumento, principalmente, na produção de farinha de trigo, massas alimentícias secas e biscoitos e bolachas.

A indústria Extrativa, de acordo com o IBGE (PIM, 2020), recuou 6,8% no período, principalmente em decorrência da queda na produção de gás natural (LGN) (-15,7%) e óleos brutos de petróleo (-8,7%), em relação ao período de janeiro a setembro de 2019, de acordo com os dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (2020).

A maioria das atividades industriais do estado foi fortemente afetada pela crise sanitária, principalmente aquelas ligadas aos bens de consumo duráveis, como, por exemplo, automóveis. Por sua vez, a indústria baiana avançou na produção de bens essenciais e garantiu o abastecimento do mercado durante a pandemia, destacando-se na produção de alimentos, materiais plásticos, celulose, papel, produtos químicos entre outros.

Mesmo com o retorno das atividades do varejo, a partir de maio, a demanda de determinados produtos manufaturados, dependem da redução dos estoques que estão elevados, acarretando em atraso para novas encomendas para alguns segmentos específicos da indústria. A demanda crescente permitiu que muitas empresas industriais voltassem a produzir, enquanto outras mantiveram suas unidades ociosas. Assim, a recuperação deu-se de forma mais rápida em alguns segmentos do que em outros, como, por exemplo, os segmentos ligados ao setor da construção.

O setor de minerais não-metálicos que apresentou crescimento significativo entre junho e setembro, com taxa acumulada no quadrimestre de 17,7%, evidencia a maior demanda por parte do setor da construção e do consumidor "formiguinha" que garantiu as vendas de materiais de construção. Por sua vez, o setor de bebidas, com crescimento de 14,5% no quadrimestre, indica que a demanda se recuperou rapidamente, basicamente atribuída ao consumo domiciliar.

Contribuíram também para essa retomada do setor o pagamento do auxílio emergencial para a população de baixa renda e a liberação do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), que incentivaram o consumo e, consequentemente, alavancaram as demandas da indústria.

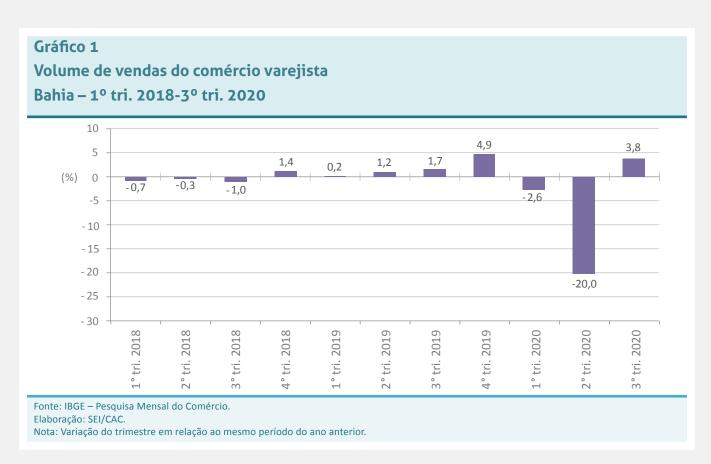
Assim, a expectativa é que a indústria baiana continue registrando crescimento na margem, especialmente, na produção de bens intermediários, como celulose e químicos, pois além do elevado valor adicionado à economia baiana, estes estão direcionados ao mercado externo, bem como na produção de bens de consumo como calçados e bebidas.

COMÉRCIO VAREJISTA

Elissandra Alves de Brito elissandra@sei.ba.gov.br

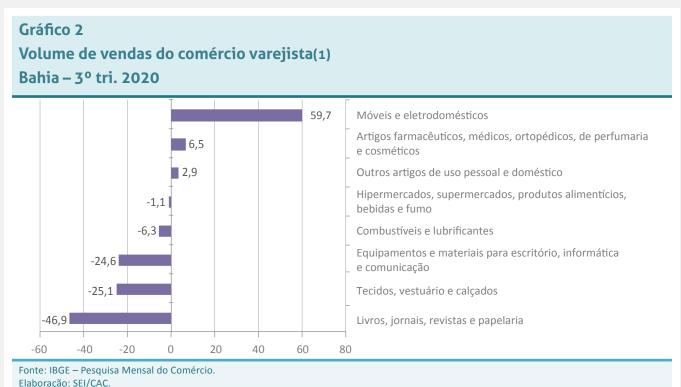
As vendas do comércio varejista mudaram sua trajetória de declínio, após flexibilização das medidas de isolamento social. As medidas recomendadas pelos órgãos competentes de saúde, dada a rapidez de propagação do coronavírus, como o fechamento do comércio tanto nas ruas como em centros comerciais e shopping centers foram flexibilizadas no final do mês de julho. Essa flexibilização, associadas a liberação do auxilio emergencial e de um dinamismo no mercado de trabalho baiano foram determinantes para o comportamento do setor no terceiro trimestre de 2020.

Nesse período, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do comércio varejista cresceu em 3,8%, em relação a igual trimestre do ano anterior (Gráfico 1). Nessa mesma base de comparação, o varejo nacional registrou a taxa positiva de 6,3%.



No terceiro trimestre, o aquecimento nas vendas do comércio varejista na Bahia compensou as perdas dos meses iniciais da pandemia. Entretanto, nesse período das oito atividades

que compõem o setor, somente três apresentaram comportamento positivo nas vendas, são elas: Móveis e eletrodomésticos (59,7%), Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (6,5%), Outros artigos de uso pessoal e doméstico (2,9%). As demais registraram quedas nas vendas, inclusive a atividade de Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-1,1%) (Gráfico 2).



Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Essa observação também se verifica na análise do acumulado do ano, com exceção do segmento de *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* que apresentou no período taxa negativa de 16,6%. No estado baiano, dos oito segmentos que compõem o varejo, o que menos sentiu os efeitos das medidas de isolamento social foi o segmento de hiper e super, em contrapartida ao de vestuário que foi o mais atingido, levando em consideração a relevância para o setor (Tabela 1).

Na análise trimestral, verifica-se que o comprometimento das vendas de *Hipermercados*, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, segmento de maior peso para o Indicador de Volume de Vendas do Comércio Varejista registrou, na Bahia, retração de 1,1%. Já no subgrupo hipermercados e supermercados houve crescimento de 3,0%, na mesma base de comparação. Este comportamento é atribuído ao fato do ramo comercializar em grande parte produtos de primeira necessidade e também em virtude de que não tiveram suas atividades fechadas por decretos de isolamento social no período. Entretanto, a despeito

Tabela 1
Volume de vendas do comércio varejista, no acumulado do ano
Bahia – 2020(1)

Atividade	(%)
Comércio Varejista	-6,2
1 - Combustíveis e lubrificantes	-9,2
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-0,4
2.1 - Hipermercados e supermercados	1,8
3 - Tecidos, vestuário e calçados	-40,3
4 - Móveis e eletrodomésticos	13,3
4.1 - Móveis	14,5
4.2 - Eletrodomésticos	12,5
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	0,2
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	-26,9
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	-41,8
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-16,6
Comércio Varejista Ampliado (2)	-10,3
9 - Veículos, motos, partes e peças	-28,7
10 - Material de construção	11,7

Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/CAC.

Notas: (1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

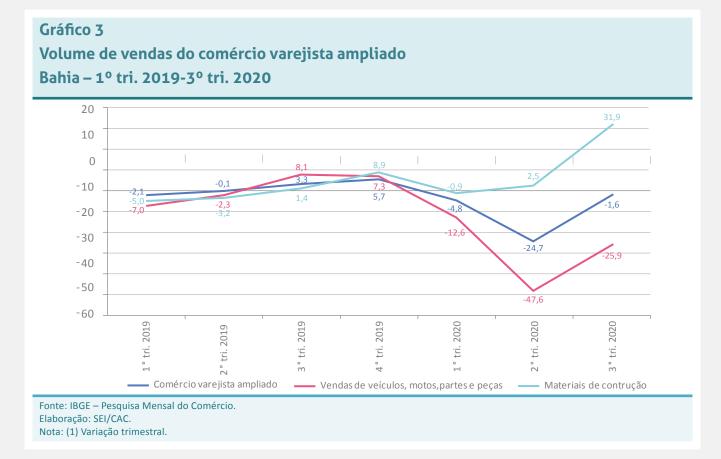
(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

da sua relevância para o setor, a redução registrada no volume de vendas na atividade geral evidenciada no trimestre se deve ao aumento de preços dos alimentos que compõem a cesta básica, como arroz e óleo, dentre outros.

No comércio varejista ampliado, que inclui o varejo e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças* e de *Material de construção* a retração no terceiro trimestre foi de 1,6%, em relação a igual trimestre do ano anterior. Enquanto o segmento de *Veículos, motos, partes e peças* registrou queda de 25,9%, *Material de construção* cresceu 31,9%. Em igual comparação, as taxas no país foram positivas em 4,2%, e 26,0%, para o varejo ampliado, e *Material de construção*, respectivamente. Já *Veículos, motos, partes e peças* a variação foi negativa em 9,6% (Gráfico 3).

Quando observado o comportamento do comércio ampliado e dos segmentos que o compõem, verifica-se uma trajetória ascendente. Entretanto, com exceção de *materiais de construção*, o comportamento das vendas ainda não foi significativo para retomar o ritmo de crescimento verificado no terceiro trimestre de 2019.

Veículos, motos, partes e peças atividade fortemente influenciada pelo crédito tiveram suas vendas comprometidas nos oito meses consecutivos em razão do "oceano" de incertezas quanto ao comportamento da atividade econômica no país provocada pela covid-19. Esse



cenário levou as instituições financeiras a restringirem a liberação de crédito, dada a iminente elevação da taxa de inadimplência.

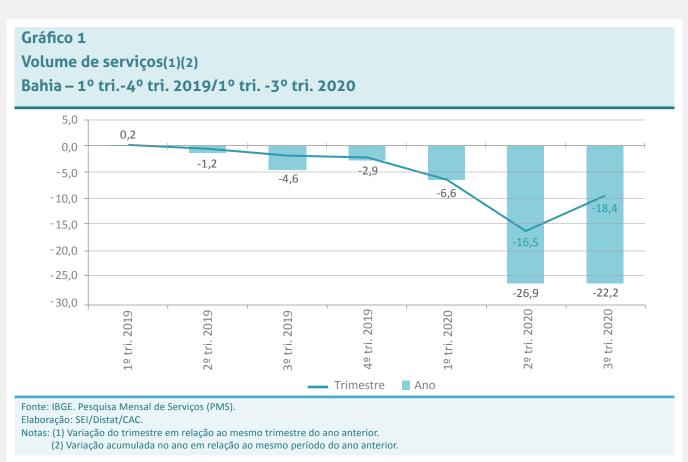
Já *Material de construção* apesar de também ser influenciado pela incerteza, registrando nos três primeiros meses de reconhecimento oficial da pandemia taxas negativas, nos meses subsequentes apresentou crescimentos expressivos, compensando os meses em que registrou retração nas vendas. No mês de setembro de 2020, a expansão da atividade chegou a 30,2%, em relação a igual mês de 2019. Esse comportamento se manteve no terceiro trimestre e indica uma redução do pessimismo do consumidor, que ante a liberação do auxílio emergencial e a flexibilização das medidas de isolamento social, resolveram fazer benfeitorias nos seus imóveis.

Assim sendo, as expectativas seguem no sentido de manutenção das taxas de crescimento, em ritmo moderado. A redução do auxílio emergencial de R\$ 600,00 para R\$ 300,00 verificado em setembro último, bem como a expectativa do seu fim, deverá influenciar o consumidor a conter os gastos. Dado o processo inflacionário, os segmentos mais dependentes da renda deverão sentir os efeitos de forma mais intensa do que os que dependem do crédito. Nesse aspecto, acredita-se que um retorno consistente do otimismo dos consumidores continuará dependendo de uma evolução mais efetiva do mercado de trabalho.

SERVIÇOS

Rosangela Conceição rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o 3º trimestre do ano anterior, marcou retração de 22,2%, mantendo a tendência de retração iniciada no 2º trimestre de 2019 (-1,2%). Esse resultado é a segunda maior queda já registrada em toda série histórica iniciada 2011, para esse tipo de comparação. Cabe ressaltar, que essa variação também contribuiu negativamente no resultado nacional, que marcou queda de 9,7% (Gráfico 1).



Todas as atividades puxaram o volume de serviços da Bahia para baixo no 3º trimestre de 2020, em relação ao mesmo período do ano anterior, com destaque, por ordem de magnitude, as atividades de Serviços prestadas às famílias (-66,0%), que apontou a mais expressiva variação negativa, seguida por Serviços profissionais, administrativos e complementares (-18,2%), Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-18,1%), Outros serviços (-15,3%), e Serviços de informação e comunicação (-10,1%).

No acumulado do ano entre janeiro e setembro de 2020, em relação ao mesmo período do ano anterior, o volume de serviços na Bahia, marcou retração de 18,4%, mantendo a tendência de retração iniciada em 2015. Esse resultado é a maior queda já registrada em toda série histórica iniciada 2011, para esse tipo de comparação. Todas as atividades puxaram o volume de serviços da Bahia para baixo, com destaque, por ordem de magnitude, para as atividades de Serviços prestadas às famílias (-45,9%), que apontou a mais expressiva variação negativa, seguida por Outros serviços (-17,8%), Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-16,4%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (-14,2%), e Serviços de informação e comunicação (-9,6%).

Na comparação nacional, é importante destacar, que 26 das 27 unidades contribuíram negativamente no índice nacional que caiu 8,8%, no acumulado do ano. Por ordem de magnitude, a principal variação negativa ocorreu em Alagoas (-19,4%), seguida pela Bahia (-18,4%), Rio Grande do Norte (-17,0%) e Piauí (-16,5%). Por outro lado, a única contribuição positiva no índice nacional veio de Rondônia (3,4%). Nessa comparação a Bahia apontou a segunda variação negativa mais expressiva.

No 3º trimestre a receita nominal baiana seguiu o mesmo comportamento do volume e caiu 23,3%, com destaque para as atividades de Serviços prestadas às famílias (-63,4%), seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-21,9%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (-16,4%), Outros serviços (-14,5%), e Serviços de informação e comunicação (-9,0%). Acumulando no ano retração de 18,0%, com destaque para as atividades de Serviços prestadas às famílias (-43,7%), seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-17,2%), Outros serviços (-16,6%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (-12,4%), e Serviços de informação e comunicação (-8,5%).

A desaceleração no setor de serviços durante a pandemia impactou diretamente na arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no estado da Bahia, que marcou no 3º trimestre de 2020 queda nominal de 5,2%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Isso representa uma perda de aproximadamente R\$ 54 milhões entre os meses de julho, agosto e setembro somente nas atividades de Serviços, exceto comércio. Todos os agregados apontaram queda com destaque para os Serviços de Utilidade Pública (-4,4%), que tem maior participação (cerca de 90%), Serviços de Transportes (-5,7%) e os Outros serviços (-19,0%) (Sefaz).

No ano o imposto no setor de Serviços já acumula retração de 4,5%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Isso representa uma perda de aproximadamente R\$ 143 milhões somente nas atividades de Serviços, exceto comércio. Todos os agregados apontaram queda

com destaque para os Serviços de Utilidade Pública (-3,8%), que tem maior participação (cerca de 90,0%), Serviços de Transportes (-3,4%) e os Outros serviços (-21,8%). Durante a pandemia da covid-19, entre os meses de abril a setembro, o estado deixou de arrecadar em torno de 964 milhões em ICMS total, quando comparado com o mesmo período de 2019, conforme dados da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (Sefaz).

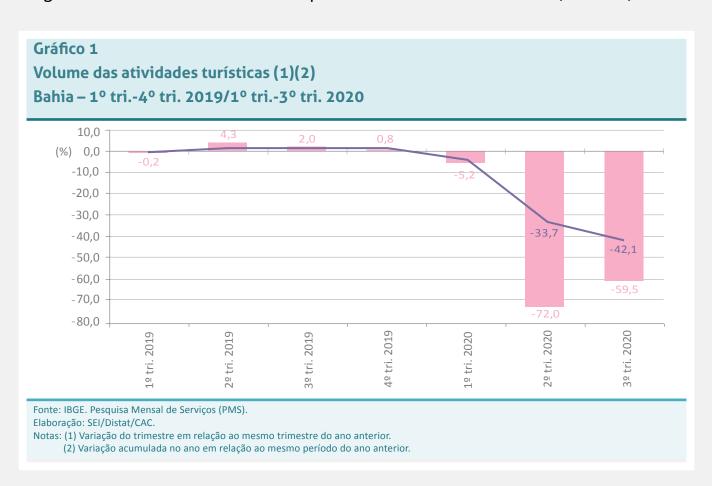
O emprego formal na Bahia também foi impactado pela pandemia, conforme as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), sistematizadas pela SEI. No acumulado entre julho, agosto e setembro de 2020, o setor de serviços criou 5.258 postos de trabalho com carteira assinada. No mesmo período do ano de 2019, o saldo foi positivo em 6.813 postos. No acumulado do ano entre janeiro e setembro de 2020, o setor de serviços registrou a maior perda, em que eliminou 21.728 postos de trabalho com carteira assinada. No mesmo período do ano de 2019, o saldo foi positivo em 28.120 postos (SEI).

Com esses resultados fica evidente o quanto o setor de serviços baiano foi e continua sendo impactado pela pandemia da covid-19 e as perspectivas para o 4º trimestre não são às melhores mesmo como abertura gradual de algumas atividades econômicas. Esse baixo dinamismo pode ser observado no índice de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), que avalia as expectativas do setor produtivo do estado, calculado pela SEI, que exibiu em novembro, na atividade de Serviços, desaceleração. De um mês ao outro, a queda foi de 11 pontos no intervalo mais recente, único entre os setores, a atividade de Serviços exibiu a primeira queda mensal após cinco altas seguidas. O indicador se encontra abaixo de zero desde março. Em comparação ao mesmo mês de um ano antes, ocorreu um tombo de 147 pontos. A confiança se posicionou sob a média histórica em 10 pontos apenas – aliás, única atividade com indicador abaixo da respectiva média (SEI).

TURISMO

Rosangela Conceição rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas¹º na Bahia, quando comparado com o 3º trimestre do ano anterior, marcou retração de 59,5%, mantendo a tendência de queda, iniciada no 1º trimestre de 2020 (-5,2%). Esse resultado contribuiu negativamente, no resultado nacional, que caiu 46,7%, na mesma análise (Gráfico 1).



Na comparação nacional, todas as 12 unidades da Federação que foram investigadas marcaram queda, com destaque para Bahia (-59,5%), Rio Grande do Sul (-55,3%), Pernambuco (-54,9%), Distrito Federal (-53,0%), Ceará (-52,6%) e São Paulo (-49,5%). Nessa análise, a Bahia apontou a primeira variação negativa mais expressiva entre as unidades da Federação.

¹⁰ Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

No acumulado do ano entre janeiro e setembro de 2020, em relação ao mesmo período do ano anterior, o volume baiano acumulou retração de 42,1%, mantendo a retração iniciada nos três primeiros meses do ano. Na comparação nacional, é importante destacar, que o agregado especial de atividades turísticas no Brasil caiu 38,8%, pressionado pelos ramos de restaurantes; transporte aéreo; hotéis; rodoviário coletivo de passageiros; catering, bufê e outros serviços de comida preparada e agências de viagens. Todas as 12 unidades da Federação também registraram taxas negativas, com destaque para o Distrito Federal (-47,1%), Rio Grande do Sul (-45,6%), Ceará (43,9%) e Pernambuco (-43,7%). Nessa análise, a Bahia assinalou a quinta variação negativa mais expressiva, ficando abaixo de Ceará e Pernambuco.

No 3º trimestre a receita nominal das atividades turísticas na Bahia, quando comparada com o mesmo período do ano anterior, marcou retração de 62,8%, mantendo a tendência de queda iniciada no 1º trimestre de 2020 (-2,9%). Esse resultado contribuiu negativamente no resultado nacional, que caiu 51,6%, na mesma análise. Na comparação nacional, todas as 12 unidades da Federação que foram investigadas marcaram queda, com destaque para o Distrito Federal (-62,0%), Bahia (-62,8%), Rio Grande do Sul (-60,0%), Pernambuco (60,8%) e Ceará (-53,7%). Nessa análise, a Bahia assinalou a segunda variação negativa mais expressiva, ficando acima de Ceará e Pernambuco.

No acumulado do ano entre janeiro e setembro de 2020, em relação ao mesmo período do ano anterior, a receita nominal das atividades turísticas na Bahia marcou retração de 42,6%. Esse resultado contribuiu negativamente, no resultado nacional, que caiu 40,2%, na mesma análise. Na comparação nacional, todas as 12 unidades da Federação que foram investigadas marcaram queda, com destaque para as variações vindas do Distrito Federal (-49,7%), Rio Grande do Sul (-47,1%) e Pernambuco (-47,0%). Nessa análise, a Bahia apontou a quarta variação negativa mais expressiva, ficando entre Pernambuco e Ceará (-42,5%).

O emprego formal na Bahia também foi impactado pela pandemia, conforme as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), sistematizadas pela SEI. No acumulado entre julho, agosto e setembro de 2020, o setor de turismo eliminou 1.907 postos de trabalho com carteira assinada. No mesmo período do ano de 2019, o saldo foi positivo em 265 postos. Pode-se constatar que aqueles com maior perda líquida de postos de trabalho formais no terceiro trimestre de 2020 foram, por ordem de magnitude, *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas* (-1.121 postos), *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, intermunicipal, interestadual e internacional* (-351 postos) e *Transporte aéreo de passageiros regular* (-167 postos). No acumulado do ano entre janeiro e setembro de 2020, o setor de turismo eliminou 23.885 postos de trabalho com

carteira assinada. No mesmo período do ano de 2019, o saldo também foi negativo, porém em magnitude bem inferior, pois contabilizou perda de 1.758 postos (SEI).

Conforme os dados da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (Setur), a taxa média de ocupação dos meios de hospedagem na capital baiana foi de 29,9% no 3º trimestre de 2020. Esse resultado ficou abaixo 32,5 p.p. da taxa contabilizada no mesmo trimestre do ano anterior (62,4%). Entre janeiro e setembro de 2020, a taxa média de ocupação dos meios de hospedagem na capital baiana ficou em 35,7%. Esse resultado ficou abaixo 25,9 p.p. da taxa contabilizada no mesmo período do ano anterior (61,6%) e a menor taxa de toda série histórica, iniciada em janeiro de 2014, nessa comparação. É importante destacar que, no mês de setembro foram consultados 50 estabelecimentos, em que 100% responderam, dentre os quais 46,0% informaram fechamento do estabelecimento comercial.

Se forem considerados os meios de hospedagem fechados durante a pandemia, como tendo ocupação igual a zero, a taxa média de ocupação entre janeiro e setembro de 2020 seria de 27,33%. Esse resultado ficou abaixo 34,3 p.p. da taxa contabilizada no mesmo período do ano anterior (61,6%) e a menor taxa de toda série histórica, iniciada em janeiro de 2014, nessa comparação.

Com esses resultados fica evidente o quanto o setor do turismo baiano foi e continua sendo impactado pela pandemia da covid-19, mesmo com abertura gradual de algumas atividades econômicas. As atividades religiosas, por exemplo, após meses de restrições em todo o país, só voltaram a funcionar a partir de setembro. Turistas e devotos puderam frequentar locais de fé em diversos estados, como Bahia, Ceará, Minas Gerais e Espírito Santo (MTur), mas seguindo às restrições de segurança e distanciamento. O turismo religioso aqui na Bahia foi fortemente impactado, pois não ocorreu em agosto de forma presencial, a exemplo da novena e procissão da Santa Irmã Dulce dos Pobres, evento este de grande mobilização nacional. Com a suspensão das festas do final de ano, as perspectivas para o 4º trimestre não são nada auspiciosas.

Uma notícia boa é que o governo do estado vem investido – num montante superior a R\$ 18 milhões - em obras de construções e requalificações nas cidades com potencial turístico, como as obras da Marina de Salinas da Margarida e da Base Náutica de Cacha Prego. Estas intervenções estão sendo realizadas na Baía de Todos-os-Santos através do Prodetur Nacional Bahia, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Mesmo em meio à pandemia do coronavírus, as obras não pararam e se adequaram aos protocolos de saúde. A previsão de entrega é para o primeiro semestre de 2021.

COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Junior arthurcruz@sei.ba.gov.br

A crise global desencadeada pela pandemia de covid-19 paralisou indústrias, interrompeu cadeias de suprimento globais e afetou os preços internacionais dos produtos comercializados. Além disso, a redução da demanda externa, dos preços das commodities e da atividade produtiva, principalmente nos mercados ocidentais, se refletiu no resultado do comércio exterior da Bahia em 2020.

Com a recessão no ocidente, causada pelo recrudescimento da covid-19, se acelerou o deslocamento do dinamismo da economia mundial para a Ásia, onde, com China à frente, um melhor controle da pandemia já começa a resultar numa retomada mais rápida e vigorosa do que em outras regiões. Além da China, outros países da região como Vietnã, Taiwan e Coreia do Sul são exemplos de países que terão desempenho econômico acima da média mundial. O avanço da Parceria Regional Econômica Abrangente (RCEP, na sigla em inglês), sacramenta a região como polo hegemônico da economia mundial, responsável por mais de 30% do Produto Interno Bruto (PIB) global, aprofundando a integração econômica dos países da região.

Mesmo num ambiente de retração generalizada da atividade econômica mundial, o desempenho das exportações estaduais, em um período marcado pela fraca demanda internacional, ficou acima do esperado, resultante do ajuste da taxa de câmbio nominal, da safra recorde colhida este ano, e do voraz apetite chinês, que se traduziu em um crescimento de mais de 27% no volume (quantum) embarcado, principalmente de commodities agrícolas e minerais, que vêm pautando e influenciando a atividade exportadora, cujo perfil, teve processo de primarização acelerado com a pandemia.

Na comparação com os dez primeiros meses do ano passado, o valor das exportações baianas teve retração de 8,2%, alcançando US\$ 6,35 bilhões, motivado basicamente pela queda nos preços médios dos produtos vendidos ao exterior, que se desvalorizaram 27,7% no período, já que o volume embarcado (*quantum*), como já mencionado, exibiu crescimento de 27%. O bom desempenho do segmento agropecuário e mineral (derivados de petróleo aí incluído), embalado pela recuperação da demanda chinesa e asiática, contribuiu, portanto, para atenuar os impactos na exportação no período que poderiam ser ainda mais negativos.

Na análise referente ao terceiro trimestre, as exportações tiveram queda de 13,9% ante o terceiro trimestre de 2019, mas inferior ao tombo do segundo trimestre, apogeu da pandemia, que chegou a (-15,1%), sempre na comparação com o mesmo período do ano passado.

Os melhores números do terceiro trimestre, apesar do recuo, devem-se ao excepcional volume embarcado do complexo soja e da celulose, que tiveram em julho seu maior mês de escoamento.

Até outubro, as exportações se beneficiaram do crescimento da China, e o agronegócio se expandiu 6,4%, especialmente soja, frutas, especiarias, fumo e carne de aves. Já os produtos manufaturados como um todo registrou queda de 13%, comparados a igual período de 2019. Esse agregado, já vinha perdendo substância na pauta exportadora, afetado por perda de competitividade sistêmica, logística inadequada e insuficiência de financiamento. Esse ano, a essas condições adversas somaram-se os efeitos da pandemia, que recrudesceu justamente nos mercados que absorvem a maior parcela de produtos manufaturados baianos, como a Europa, os EUA e a América Latina. Isso sem falar do fator Argentina, que tem uma crise doméstica a vencer, e desde o ano passado, vem comprando menos automóveis, químicos e pneumáticos.



O aumento do volume exportado, comparativamente a 2019, corrobora com a tese da resiliência do setor agroexportador à crise pandêmica, principalmente de produtos como soja, celulose e algodão, além dos minerais – cobre e derivados de petróleo incluídos. Só para a China no ano, até outubro, eles aumentaram 23% em volume ou o equivalente a 4,6 milhões de toneladas, resultando em receitas que somaram US\$ 1,77 bilhão.

Com o deslocamento para a Ásia do dinamismo econômico, mais da metade dos embarques baianos tiveram como destino esta região, excluindo Oriente Médio. A Ásia absorveu de janeiro a outubro deste ano, US\$ 3,38 bilhões em produtos baianos, o que representou 53,2% do total exportado pelo estado no período. Em iguais meses do ano passado essa fatia era de 46,5%. A exportação para a região cresceu 5,2%, enquanto para o resto do mundo, elas caíram 19,8%.

A China contribuiu fortemente para esse avanço. Maior destino comercial da Bahia quando consideramos países, isoladamente desde 2012 (com exceção de 2018), a China avançou de 27,7% para 29,8% na fatia de embarques baianos de janeiro a outubro do ano passado para iguais meses deste ano. Mas o restante da Ásia também colaborou. Cingapura foi o segundo maior mercado, com compras de US\$ 839,5 milhões em produtos baianos no ano, com alta de 61,7%, em relação a igual período de 2019.

IMPORTAÇÕES

A redução das importações no ano até outubro continua generalizada, puxada principalmente pelo recuo de 71% nas compras de combustíveis e 33,8% em bens intermediários, principalmente matéria prima para a indústria. Essas duas categorias representam historicamente algo como 85% do total das importações estaduais. A queda das compras externas no ano está sendo a mais expressiva desde 2009, ano, até então, de maior inflexão recente do comércio exterior baiano.

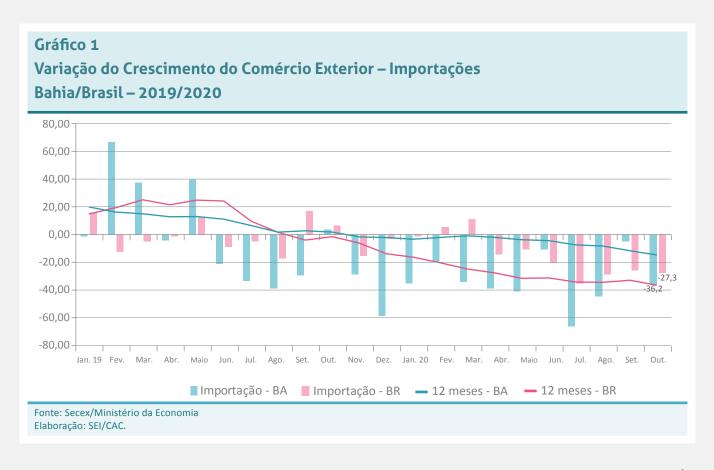
Apesar de alguma melhora no segundo semestre, o comportamento negativo das compras externas vem sendo registrado ao longo de todo o ano, impactado pela frustrada recuperação da economia, ainda no primeiro trimestre, mas se acentuou a partir da pandemia, em função do câmbio desfavorável e da contração da demanda doméstica, sob os efeitos do isolamento social e da atividade econômica parcialmente paralisada.

A maior parte da queda observada no acumulado do ano deveu-se ao quantum (29,2%), embora os preços também tenham se reduzido (-8,3%). A queda do quantum é generalizada entre as categorias econômicas e setores de atividade, novamente com destaque para os combustíveis e bens intermediários. Os bens de capital também vêm tendo desempenho muito negativo nos últimos meses, e a variação positiva no primeiro semestre do ano se deveu a operações pontuais de importação de guindastes para a ampliação do Porto de Salvador e também da compra de fertilizantes para o agro.

As importações ainda devem se manter em queda/estagnadas durante todo o ano de 2020, mas devem paulatinamente ir reduzindo as perdas, no embalo da gradual retomada

da atividade doméstica, como vem ocorrendo no terceiro trimestre, aliada à sazonalidade, embora o real desvalorizado e a menor demanda por combustíveis limitem a recuperação. Com isso, seu ritmo deverá manter a dinâmica resultante da pandemia, com desembarques em queda bem mais acelerada que a das exportações.

O perfil da reativação da economia brasileira e baiana vai influenciar o ritmo de queda das importações nos próximos meses. A perspectiva do momento é de continuar em contração nos próximos meses, principalmente com o fim ou redução dos programas emergenciais e com o endividamento maior no setor público e privado. A recuperação dos desembarques deve vir somente em 2021, dependendo do nível de recuperação da atividade econômica.



Com o resultado de outubro, a balança comercial da Bahia acumula um superávit de US\$ 2,5 bilhões em 2020, alta de 154,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. As exportações somam US\$ 6,35 bilhões com recuo de 8,2% e as importações em US\$ 3,85 bilhões com queda de 35,1%, muito superior ao das exportações. A corrente de comércio, medida do dinamismo comercial e da integração ao mercado internacional, atingiu no período US\$ 10,2 bilhões com retração de 20,6%.

A redução do comércio exterior baiano observada neste ano tende a perdurar, com recuperação lenta. Com a queda de demanda dos países de destino e desvalorização da moeda brasileira,

devemos observaruma redução do comércio – tanto do lado das exportações, quanto das importações – que tende ainda este ano a perdurar, tendo em vista que as circunstâncias que determinam o crescimento dessas duas variáveis vão mudar muito lentamente.

De acordo com as projeções da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), as exportações baianas devem fechar o ano de 2020 com receitas de US\$ 7,6 bilhões, 7% inferior ao resultado de 2019. Quanto às importações, o tombo será maior, devendo chegar a US\$ 4,7 bilhões, o que representa uma queda de 30% frente ao ano passado. Com esses resultados, o ano deve ser encerrado com um saldo positivo de US\$ 2,9 bilhões na balança comercial estadual, um pouco mais que o dobro do obtido em 2019. O dado, no entanto, será motivado tanto por um recuo nas exportações, quanto por uma queda ainda mais forte nas importações.

FINANÇAS PÚBLICAS

João Gabriel Vieira/Poliana Peixinho/Marília Jane Campos joaovieira@sei.ba.gov.br/poliana@sei.ba.gov.br/mariliajane@sei.ba.gov.br

Relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI) antes da reunião dos líderes do Grupo dos 20 (G20), constata que com as vacinas chegando, há esperança de que a pandemia possa em breve estar sob melhor controle. Dito isso, a necessidade de esforços cooperativos para trabalhar em direção a um futuro melhor nunca foi tão grande. As áreas prioritárias estão relacionadas à necessidade de produzir e distribuir vacinas globalmente, combater as mudanças climáticas e estimular a recuperação econômica da crise. Um relatório do FMI publicado antes da reunião dos líderes do G20 argumenta que um impulso sincronizado de investimento em infraestrutura poderia revigorar o crescimento, limitar cicatrizes e atender às metas climáticas. Na verdade, quando muitos países agem ao mesmo tempo, o investimento público em infraestrutura pode ajudar a elevar o crescimento interno e externo por meio de vínculos comerciais. Este efeito "transbordamento" positivo pode fornecer um impulso adicional para a produção global.

Relatório da National Bureau of Economic Research (NBER) discute as principais questões de política fiscal na Zona do Euro. Desde o início, o déficit e a dívida pública foram os principais objetos de contenção no debate que levou à criação da Zona do Euro - e ainda são, embora as razões tenham mudado. A segunda questão óbvia é que uma união monetária implica a perda de um instrumento específico de um país, uma política monetária nacional. Isso coloca uma carga maior sobre a política fiscal como uma ferramenta para neutralizar choques, uma carga que pode ser ainda mais pesada agora que o Banco Central Europeu, sem dúvida, atingiu o limite inferior zero. Duas soluções óbvias são o seguro mútuo entre os países e uma política de estabilização centralizada. No entanto, ambos foram extremamente difíceis de encontrar. A principal razão é o medo de transferências persistentes e unidirecionais entre países, um problema que reflete, em grande parte, uma divisão entre o Norte e o Sul da Europa.

No Brasil, onde se prevê um aumento da dívida pública para 93,1% do Produto Interno Bruto (PIB), podendo ultrapassar a 100% no ano de 2024, esse espaço parece ser ainda menor, pois somado a isso, está prevista uma queda de 5,0% do PIB e déficit superior a R\$ 779,8 bilhões. Apesar disso, a divulgação do PIB do terceiro trimestre mostrou uma recuperação de 7,7%, frente ao trimestre imediatamente anterior, o que pode sinalizar uma recuperação. Esse quadro econômico fragilizado tende a reforçar a demanda por ações do Estado para amenizar os efeitos continuados da crise sobre a renda e o emprego. Além disso, as incertezas a respeito de uma eventual segunda onda de contaminação da covid-19 impõem riscos difíceis de serem precificados. As informações são da Instituição Fiscal Independente, do Senado Federal.

Assim, tendo em vista as análises mundial, europeia e nacional, foi possível observar que houve um aumento de participação das receitas como proporção do PIB. Esse aumento está atrelado ao fato de que está acontecendo um processo de pagamento de diferimento de tributos, correspondendo a quase 65,3 bilhões de reais em 2020. O Imposto Sobre a Circulação de Mercadorias Bens e Serviços (ICMS) se constitui junto com as transferências – Fundo de Participação dos Estados (FPE) – nas principais fontes de receitas para o estado. No terceiro trimestre de 2020, a arrecadação de ICMS somou (julho a setembro) R\$ 6,332 bilhões. No ano de 2019 o valor arrecadado foi de R\$ 6,290 bilhões no mesmo período, havendo, portanto, um pequeno aumento nominal em relação ao ano de 2019. Esses dados já refletem o processo de recuperação da crise pandêmica que se intensificou no terceiro trimestre. O volume do FPE destinado à Bahia alcançou o patamar de R\$ 1,691 bilhão, um valor inferior ao exercício de 2019 de R\$ 210 milhões. Convém ressaltar a medida provisória 938, publicada no dia 02 de abril que assegura apoio financeiro da União aos fundos de participação no mesmo patamar de 2019 até o mês de junho, tendo em vista os efeitos da pandemia nos entes federativos. Desse modo, os resultados do terceiro trimestre do FPE refletem os efeitos da queda de arrecadação dos impostos que compõem a base do fundo, que não foi compensada pelos efeitos da medida provisória. No entanto, convém ressaltar, os depósitos de auxílio a estados e municípios que se encerraram no mês de setembro, o que pode ter aliviado o efeito negativo no caixa, proveniente da transferência de FPE.

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos/Denis Veloso/Carol Vieira joaopaulo@sei.ba.gov.br/dveloso@sei.ba.gov.br/carolvieira@sei.ba.gov.br

Segundo os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica - Produto Interno Bruto (PIB) – recuou 4,1% no terceiro trimestre de 2020, em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerandose a série com ajuste sazonal (3º trimestre de 2020, em comparação com o 2º trimestre de 2020), o resultado foi positivo (+4,7%). A estimativa da taxa de crescimento do PIB baiano para o final do ano é de -3,7%.

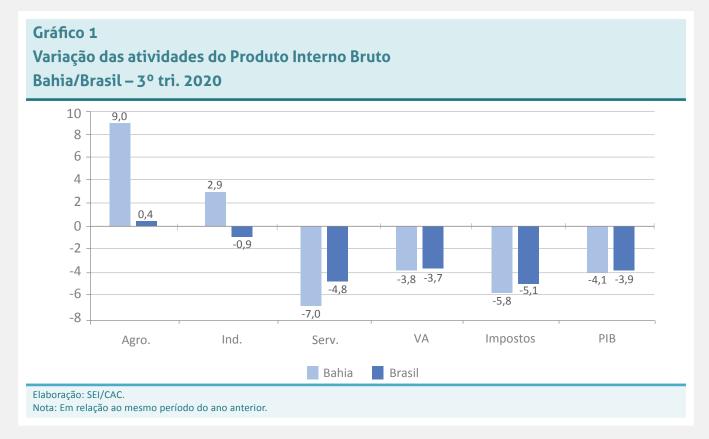
Tabela 1
PIB trimestral
Bahia - 2020(1

Períodos	Taxas (%)
3º tri 2020/3º tri 2019	-4,1%
3º tri 2020/2º tri 2020 (sazonal)	4,7%
Estimativa do ano	-3,7%
Fonte: SEI.	
Nota: (1) Dados sujeitos retificação.	

No 3º trimestre de 2020, o PIB totalizou R\$ 74 bilhões, sendo R\$ 64,4 bilhões referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos – o que representa 87% do PIB - e R\$ 9,6 bilhões aos Impostos sobre Produtos líquidos de Subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a *Agropecuária* apresentou Valor Adicionado de R\$ 6,3 bilhões, a *Indústria* R\$ 13,4 bilhões e os *Serviços* R\$ 44,7 bilhões.

Quando comparado ao de igual período do ano anterior, o PIB da Bahia apresentou retração de 4,1% no terceiro trimestre de 2020, conforme dados divulgados pela SEI. O Valor Adicionado apresentou variação negativa (-3,8%) e os Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios caíram 5,8%. O setor com maior peso no estado foi o responsável pelo resultado negativo da atividade econômica baiana: serviços com recuo de 7,0%. Os destaques positivos no terceiro trimestre do ano ficaram com a agropecuária (+9,0%) e a indústria com taxa positiva de 2,9%.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o PIB do Brasil contraiu 3,9% no terceiro trimestre de 2020, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. O Valor Adicionado a preços básicos teve queda de 3,7% e os Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios recuaram 5,1%. Dentre as atividades que contribuem para a geração do Valor Adicionado, a Agropecuária registrou uma taxa de crescimento estável de 0,4%, em relação a igual período do ano anterior. A Indústria brasileira teve retração de 0,9%, puxada



principalmente pelo recuo da construção (-7,9%) e pela variação negativa da transformação (-0,2%). A atividade de eletricidade e água, por sua vez, cresceu 3,8% - incentivada pela melhora nas bandeiras tarifárias, que se mantiveram verdes por todo o trimestre e as indústrias extrativas expandiram em 1,0%, devido ao crescimento da extração de petróleo e gás. O valor adicionado de Serviços retraiu 4,8% na comparação com o terceiro trimestre do ano anterior. Destaques para a queda de outras atividades de serviços (-14,4%) e para a retração nos transportes em 10,4%. Do mesmo modo, registraram recuo a administração pública (-5,4%) e o comércio (-1,3%). Por sua vez, a atividade imobiliária cresceu 2,7%.

A agropecuária baiana, no terceiro trimestre de 2020, cresceu 9,0%, em relação ao mesmo período do ano anterior, devido ao bom desempenho em volume da agricultura, com crescimento em quase todas as culturas relevantes, segundo o calendário agrícola do estado. Mesmo com o advento da covid-19 e seus impactos (restrição de colheitas, redução da mão de obra), o setor continua em plena expansão em sua produção física e a produção de grãos poderá ter uma estimativa de safra recorde no estado, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do mês de outubro.

Tabela 2 Estimativas de produção física dos principais produtos agrícolas Bahia – 2020

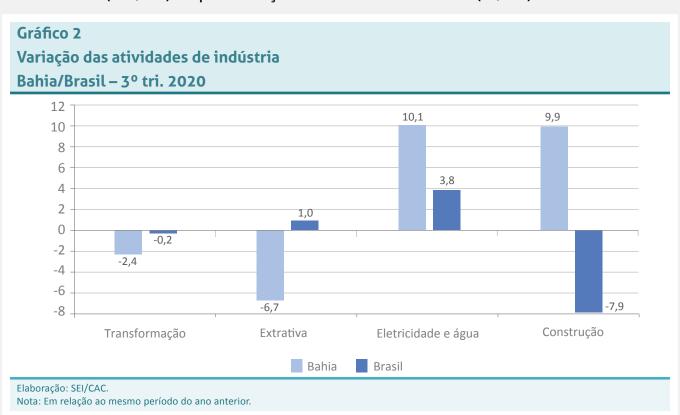
Culturas/Safras	Produção física (t)		
	2019(1)	2020(2)	Variação (%)
Mandioca	963	963	0,0
Cana-de-açúcar	4.206	5.150	22,4
Cacau	105	118	12,4
Café	181	246	36,3
Grãos	8.284	9.913	19,7
Algodão	1.494	1.475	-1,3
Feijão	290	290	-0,1
Milho	1.642	2.450	49,3
Soja	5.309	6.070	14,3
Sorgo	70	146	110,2

Fonte: IBGE/LSPA.

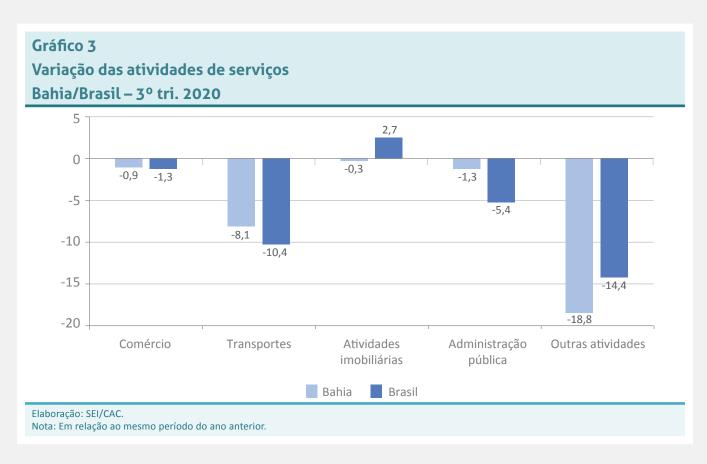
Nota: (1) Dados sujeitos retificação.

(2) Previsão de safra 2020 (Out. 2020).

O setor industrial no terceiro trimestre do ano registrou alta de 2,9%. Essa taxa positiva devese ao bom comportamento das atividades de eletricidade e água (+10,1%) e da construção civil (+9,9%), crescimento esse associado também à produção familiar. As quedas verificadas no setor ficaram por conta da indústria de transformação (-2,4%) – influenciada, sobretudo pelo volume negativo, apresentado nos segmentos da metalurgia (-45,1%) e veículos automotores (-35,0%) – e pela retração das indústrias extrativas (-6,7%).



O setor de serviços apresentou recuo de 7,0%. É o terceiro trimestre consecutivo com retração no setor, entretanto já sinaliza uma leve desaceleração com relação à taxa de crescimento, observada no segundo trimestre, a qual caiu mais de 10%. Das cinco atividades principais que compõem o setor, nenhuma apresentou taxa positiva. As maiores quedas foram identificadas nas atividades de transportes (-8,1%); outros serviços (-18,8%, que representam cerca de 30% do setor) e na administração pública (-1,3%). A atividade de comércio também registrou queda (-0,9%), alavancada pelo baixo volume no segmento de combustíveis e lubrificantes (-6,3%), Veículos e motos, partes e peças (25,9%).



MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo luizlobo@sei.ba.gov.br

Se no trimestre inaugural do ano ainda era um pouco cedo para mensurar a dimensão da devastação decorrente do caldo viral que acabara de entornar em terras brasileiras, agora, quando todas as estatísticas do segundo e do terceiro trimestres se tornaram conhecidas, não há dúvidas de que a economia local se encontra em um dos seus momentos mais delicados, marcada por retração das atividades produtivas e do emprego. Assim, com o problema sanitário longe de uma solução definitiva e um cenário ainda permeado por imprevisibilidades, maculando a leitura e a mensuração das prováveis consequências dos acontecimentos recentes, não há outra compreensão senão a de que o ritmo de qualquer recuperação do emprego e da renda se encontra incerto nesse instante – até porque, normalmente, o mercado de trabalho se constitui num dos últimos pilares a efetivar uma recuperação.

Os números do trimestre mais recente, revelados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), superaram, até mesmo, as expectativas mais otimistas. De julho a setembro, na Bahia, o montante de vínculos regido pela Consolidação das Leis do Trabalho incorporou 30.063 novos registros. Essa variação positiva foi a quarta seguida, quando se volta aos saldos dos terceiros trimestres. Mais do que isso, o conjunto dos meses de julho a setembro deste ano no estado, ao evidenciar considerável expansão do nível de emprego formal, amparou o maior saldo para um terceiro trimestre desde o observado em 2010, quando 40.596 novos contratos foram assinados. Aliás, o que é ainda mais surpreendente, trata-se da melhor apuração trimestral desde a registrada no segundo trimestre de 2011 (+43.745 postos). Isso tudo logo após o pior resultado desde o início da década passada pelo menos – uma perda líquida de 57.655 postos no segundo trimestre de 2020, epicentro temporal da crise do novo coronavírus.

A dinâmica com mais admissões que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do terceiro trimestre na Bahia. O mês de setembro foi o de melhor resultado, com 16.923 novas vagas – revelando-se, também, a melhor apuração do ano e maior saldo mensal desde maio de 2010 (+19.682 postos). Os meses de julho e agosto testemunharam excedentes menos destacados, com surgimento de 4.253 e 8.887 novos postos, respectivamente – indicando, assim, uma tonificação do ritmo da alta ao longo do trimestre. Além do mais, em termos de saldo, cada um desses três meses evidenciou um desempenho superior ao do mês correspondente do ano anterior.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no terceiro trimestre, com 697.296 postos a mais. Ademais, vale ressaltar, todas as

regiões originaram postos de trabalho. Das unidades da Federação, não houve fechamento líquido em qualquer uma delas. No ranking nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 30.063 oportunidades ocupacionais, ficou na sétima posição, bem acima da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia ficou com o terceiro melhor desempenho, enquanto Pernambuco (+39.569 postos) e Sergipe (+3.133 postos) exibiram o maior e o menor saldo da região no período, respectivamente.

Conforme os dados do Caged, a Bahia iniciou o ano, dispondo de um estoque de 1.712.710 empregos com carteira assinada. Ao final dos primeiros nove meses do ano, entretanto, esse montante se reduziu em aproximadamente 1,9%, fruto do desaparecimento de 32.515 vínculos, nesse espaço tempo – minando, assim, o entusiasmo quanto ao processo de reabilitação vivenciado nos anos de 2018 e 2019, quando emergiram 30.746 e 30.858 novos postos, nessa ordem. Com esse resultado se tornou muito mais difícil neutralizar as perdas dos anos da última crise, quando quase 150 mil postos celetistas foram encerrados – especificamente 76.090 e 73.067 postos em 2015 e 2016, respectivamente.

A dilatação no mercado de trabalho formal baiano no terceiro trimestre, por sinal, alcançou os diversos estratos setoriais, pois houve geração líquida de postos em todos eles. A Indústria geral e a Construção se destacaram pelos desempenhos mais proeminentes entre as cinco grandes categorias, com a geração líquida de 7.886 e 7.645 postos de trabalho no período, respectivamente. Em seguida, por ordem decrescente, os setores de Serviços (+5.299 postos), Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (+4.417 postos), Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (+4.278 postos) exibiram contratação líquida de trabalhadores no citado intervalo no estado da Bahia.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), por outro lado, revelou uma realidade laboral muito debilitada no terceiro trimestre no estado. A desocupação, por exemplo, atingiu 20,7% da população na força de trabalho no referido trimestre. Tal fração representou a maior taxa trimestral de desocupação desde o começo da pesquisa, renovando o pico estabelecido um trimestre antes. Após um ano com três quedas sucessivas, chegando a 16,4% no último trimestre de 2019, a mencionada taxa subiu pela terceira vez consecutiva e acumulou uma alta de 4,3 pontos percentuais ao longo deste ano, suplantando, assim, em mais que o dobro, toda a redução materializada durante o ano antecedente.

Após a subida no segundo trimestre, quando atingiu 19,9%, a taxa de desocupação no estado ainda aumentou 0,8 ponto percentual no trimestre mais recente. Tal dinâmica seria uma surpresa em tempos normais, já que refletiria um comportamento bastante incomum

do mercado de trabalho baiano num penúltimo trimestre, quando se aguarda queda da desocupação – fato somente não observado em 2015 e 2016, anos de desequilíbrio por sinal. Essa guinada altista ainda resulta dos efeitos devastadores da crise do novo coronavírus no Brasil e no mundo. Dessa forma, no contexto atual, toda a perspectiva de reabilitação nutrida até final do ano passado deixou de ter sentido.

Para os territórios brasileiro e nordestino, a desocupação ficou em 14,6% e 17,9%, respectivamente – representando os maiores patamares de cada série correspondente. Entre as unidades federativas, a Bahia exibiu a taxa mais elevada – fato repetido pela sexta vez em sequência. Enquanto isso, Sergipe (20,3%) foi o estado com a segunda maior taxa de desocupação no período, e Santa Catarina (6,6%) apresentou a menor. Na Bahia, portanto, o mencionado indicador se mostrou pouco mais que o triplo do observado em Santa Catarina na ocasião.

No intervalo em análise, na Bahia, houve redução da ocupação e elevação da desocupação em termos absolutos. Com três recuos trimestrais seguidos, o contingente de ocupados chegou ao menor nível da série. A população ocupada foi estimada em 4,872 milhões, representando um recuo de 16,0% (-929 mil pessoas) em contraponto à do mesmo período do ano passado e de 0,1% (-4 mil), comparativamente à do trimestre anterior. A população desocupada foi calculada em 1,273 milhão de indivíduos, terceiro maior quantitativo já registrado – indicando uma alta de 5,4% (+65 mil) frente à do segundo trimestre e de 8,8% (+103 mil), em relação à do mesmo conjunto de meses de um ano antes.

Como se vê, tanto a queda na ocupação quanto a alta do número de desocupados contribuíram para a subida da taxa de desocupação no estado. No entanto, com uma maior população em idade de trabalhar nesse último trimestre, importante ressaltar que a alta da desocupação só não foi mais expressiva por conta do crescimento do contingente fora da força de trabalho, que ampliou pela segunda vez seguida. Não à toa, esse quantitativo que não estava ocupado nem desocupado na semana de referência alcançou o maior registro da sequência, um conjunto de 6,179 milhões de indivíduos – superando, pela primeira vez, o total de pessoas na própria força de trabalho.

Importante pontuar também que, após duas quedas sucessivas, o conjunto dos informais se ampliou no trimestre mais recente. O quantitativo de formais, por sua vez, chegou ao segundo recuo seguido. Assim, o terceiro trimestre contabilizou 2,498 milhões de ocupados na informalidade e 2,375 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 51,3%, ao passo que era de 54,2% e 48,1% no mesmo trimestre de um ano antes e no segundo de 2020, respectivamente. No Brasil como um todo, 38,4% dos trabalhadores se encontravam na informalidade de julho a setembro deste ano.

Há ainda outras constatações que ajudam a desnudar o grau de deterioração do mercado de trabalho baiano nesse terceiro trimestre de 2020 como, por exemplo: o nível da ocupação e a taxa de participação atingiram os menores registros da história; o número de empregados com carteira assinada recuou mais uma vez e atingiu o menor nível; a taxa composta de subutilização da força de trabalho cresceu e alcançou o maior percentual da série, de 45,9%; a população de desalentados, novamente a mais volumosa do país, foi o terceiro maior montante da série no estado, uma estimativa de 792 mil pessoas; e a massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas sofreu a segunda queda consecutiva e chegou ao menor volume já registrado, a despeito do registro no período do segundo maior nível do rendimento médio real de todos os trabalhos da série.

Nesse compasso, o mercado de trabalho ainda vai repercutir por muito tempo as consequências desse desequilíbrio econômico e social – alavancado ao patamar de crise –, fruto da expansão exponencial da epidemia do novo coronavírus aqui e ao redor do mundo. Nas atuais circunstâncias, portanto, a despeito dos resultados alvissareiros, revelados pelos dados oficiais do Caged, via Secretaria Especial da Previdência e Trabalho (estrutura originada do rebaixamento do antigo Ministério do Trabalho), a retomada do emprego na Bahia, no sentido estrito de regresso à condição ou ao padrão anterior, será postergada novamente e enfrentará um longo percurso até efetivamente se materializar. Isso tudo sem colocar na balança a ocorrência de uma segunda onda da peste.